

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE ARQUIVOLOGIA**

PAOLA MARTINS RECH

**ASCENSÃO E QUEDA DE UM ROMANCE: LEITURA, TRANSCRIÇÃO E  
ANÁLISE PALEOGRÁFICA DE CARTAS PRIVADAS DE D. PEDRO I PARA  
DOMITILA DE CASTRO, A MARQUESA DE SANTOS**

Porto Alegre

2018

PAOLA MARTINS RECH

**ASCENSÃO E QUEDA DE UM ROMANCE: LEITURA,  
TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE PALEOGRÁFICA DE  
CARTAS PRIVADAS DE D. PEDRO I PARA DOMITILA  
DE CASTRO, A MARQUESA DE SANTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do título de  
bacharel em Arquivologia pelo Departamento de  
Ciência da Informação, da Faculdade de  
Biblioteconomia e Comunicação, da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora: Ana Regina Berwanger

Porto Alegre

2018

## **UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Profa. Dra. Jane Fraga Tutikian

## **FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Diretora: Profa. Dra. Karla Maria Müller

Vice-Diretora: Profa. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

## **DEPARTAMENTO DE CIENCIAS DA INFORMAÇÃO**

Chefe: Profa. Dra. Jeniffer Alves Cuty

Chefe Substituta: Eliane Lourdes da Silva Moro

### **CIP - Catalogação na Publicação**

Rech, Paola Martins

Leitura, transcrição e análise paleográfica de cartas privadas de D. Pedro I para Domitila de Castro, a Marquesa de Santos / Paola Martins Rech. -- 2018.

57 f.

Orientadora: Ana Regina Berwanger.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Arquivologia, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Paleografia. 2. Análise paleográfica. 3. Transcrição. 4. Dom Pedro I. 5. Domitila de Castro. I. Berwanger, Ana Regina, orient. II. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE ARQUIVOLOGIA**

**LEITURA, TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE PALEOGRÁFICA DE  
CARTAS PRIVADAS DE D. PEDRO I PARA DOMITILA DE CASTRO,  
A MARQUESA DE SANTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Arquivologia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora Prof<sup>a</sup>. Ana Regina Berwanger

---

Prof<sup>a</sup>. M.<sup>a</sup> Marlise Maria Giovanaz

---

Aline Nascimento Maciel Comassetto

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos meus pais, Heitor Luiz Rech e Patrícia Castro Martins, por sempre me apoiarem e me ajudarem diante das dificuldades que estudar e trabalhar ao mesmo tempo podem trazer. A Felipe Soares Fagundes Paula não apenas pelos últimos dez anos de apoio e admiração mútuos, mas também por motivar minha carreira acadêmica, minha vontade de continuar estudando e alcançar tudo que desejo; também por me ajudar com os e-mails trocados com o Museu da Sociedade Hispânica da América e na formulação do resumo deste trabalho, ambos em inglês.

À ex-colega Suellen Topolski Dutra, que durante uma tarde de sol no Parcão me apresentou a grande história de amor relatada neste trabalho. Também agradeço imensamente a Paulo Rezzutti, escritor do livro “Titilia e o Demonão”, por encaminhar as cópias das cartas originais que ainda tinha guardadas; sem sua ajuda esse trabalho não estaria completo.

Não posso deixar de lado a grande ajuda de minha orientadora Ana Regina Berwanger que, com seu imenso conhecimento em paleografia, desvendou inúmeras palavras e frases ininteligíveis escritas pelo Imperador. Também à ex-colega de curso e bibliotecária Andressa Ferreira por me auxiliar com as normas técnicas exigidas para este trabalho.

## **RESUMO**

O trabalho aborda a importância da paleografia enquanto ciência nas mais diversas áreas do conhecimento, trazendo seu significado, etimologia e história enquanto disciplina e objeto de estudo. Contextualiza a origem da pesquisa, apresentando as motivações para a realização deste trabalho, e o momento histórico em que a correspondência foi escrita. Apresenta a transcrição paleográfica de seis cartas selecionadas de um conjunto de vinte e nove documentos, escritas no período de 1823 a 1828 pelo imperador brasileiro dom Pedro I para sua amante, Domitila de Castro, a Marquesa de Santos. Elabora a análise paleográfica do conjunto, desenvolvendo os aspectos gráficos, materiais e complementares desta documentação. O trabalho conclui a importância da Paleografia no âmbito interdisciplinar enquanto instrumento de auxílio para profissionais de diversas áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Paleografia. Transcrição. Análise. Dom Pedro I. Domitila de Castro.

## **ABSTRACT**

This work approaches the importance of paleography as a science in the most diverse areas of knowledge, bringing its meaning, etymology and history as a discipline and study object. Contextualizes the searching origins, presenting the motivations for the realization of this paper, and the historic time that the letters were written. Introduces the paleographic transcription of the six selected letters of the twenty nine group of documents, written between 1823 and 1828 period by the Brazilian emperor, Dom Pedro I, to his mistress, Domitila de Castro, Marquise de Santos. Elaborates a paleographic analyzes of the set, developing the graphic, matter and additional aspects of these documents. This work concludes the importance of Paleography in the interdisciplinary scope as an aid instrument for professionals of several areas of knowledge.

Keywords: Paleography. Transcription. Analyzes. Dom Pedro I. Domitila de Castro.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. CONTEXTO HISTÓRICO</b> .....	17
<b>3. TRANSCRIÇÃO PALEOGRÁFICA</b> .....	21
3.1. Carta 01 .....	21
3.2. Carta 02 .....	23
3.3. Carta 03 .....	24
3.4. Carta 04 .....	26
3.5. Carta 05 .....	29
3.6. Carta 06 .....	30
<b>4. ANÁLISE PALEOGRÁFICA</b> .....	32
4.1. Aspectos Gráficos .....	32
4.1.1. Formato .....	32
4.1.2. Ductus .....	33
4.1.3. Pontuação e Acentuação .....	35
4.1.4. Informação Numérica .....	36
4.1.5. Assinaturas .....	36
4.2. Aspectos Materiais .....	38
4.2.1. Suporte .....	39
4.2.2. Instrumento de Escrita .....	39
4.2.3. Tinta .....	39
4.2.4. Conservação .....	39
4.3. Aspectos Complementares .....	40
4.3.1. Origem .....	40
4.3.2. Localização .....	40
4.3.3. Época .....	41
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	44
<b>APÊNDICE A</b> - E-mail encaminhado ao Dr. O'Neill .....	45
<b>APÊNDICE B</b> – Invoice encaminhada pelo Dr. O'Neill em nome do Museu da Sociedade Hispânica da América .....	46
<b>APÊNDICE C</b> – E-mail encaminhado ao Arquivo Histórico do Museu Imperial .....	47
<b>APÊNDICE D</b> – Resposta recebida do Arquivo Histórico do Museu Imperial .....	48
<b>APÊNDICE E</b> – CARTA 01 .....	49

APÊNDICE F – CARTA 02.....	51
APÊNDICE G – CARTA 03.....	52
APÊNDICE H – CARTA 04.....	53
APÊNDICE I – CARTA 05 .....	57
APÊNDICE J – CARTA 06 .....	58

## 1. INTRODUÇÃO

A paleografia é o estudo de manuscritos antigos e históricos e também da escrita, abrangendo sua história, evolução das letras, datação, origem, decifração, transcrição, interpretação, tal qual os suportes e instrumentos utilizados para escrever. É importante deixar claro aqui que o papel da Paleografia é estudar as formas e os processos da escrita.

Sua etimologia grega é formada pelas palavras *παλαιός* (*palaiós*), que pode ser traduzida como “antiga”, e *γράφειν* (*graphein*), que pode ser traduzida como “escrita” ou “escrever”. Sendo assim, podemos conceituar Paleografia como “a ciência que estuda escrituras antigas”.

A Paleografia enquanto estudo da escrita se origina juntamente com as escrituras mais antigas, são essas a sumeriana, a acadiana, a egípcia e a chinesa, podendo datar de 4.000 e 3.000 a.C. (BERWANGER e LEAL, 2012, p. 39). Já a Paleografia enquanto ciência não encontrou seu reconhecimento até a publicação de *De Re Diplomatica* de Jean Mabillon (1632-1707) em 1681. Não obstante, essa terminologia só foi utilizada em 1703 por um monge beneditino chamado Bernard de Montfaucon (1655-1741), ao publicar o livro *Paleographia Graeca: sive de ortu et progressu litterarum*. (MARCOS, 2017, p. 03). A partir daí foram surgindo escolas de estudos paleográficos por toda a Europa, destacando-se as *Escolas Superiores de Paleografia* na Itália (1765), *École des Chartes* na França (1821), *Escuela Superior de Paleografia y Diplomatica* na Espanha (1838), *Institut für Paläographie* na Áustria (1854) e *Paleographical Society* na Inglaterra (1873). (BERWANGER e LEAL, 2012, p. 19).

A importância de estudos em Paleografia se dá na compreensão, autenticação e datação de documentação antiga. Pode ser utilizada como uma habilidade auxiliar para profissionais de diversas áreas, estabelecendo relações interdisciplinares. Na História, a disciplina pode contribuir na compreensão do conteúdo textual de manuscritos históricos e na datação destes documentos, libertando o historiador de traduções, o tornando mais independente; para a linguística, assim como para a Filologia, a Paleografia ajuda a compreender a origem e desenvolvimento da escrita e linguagem nas diversas culturas; para o Direito, principalmente no campo do Direito Notarial, auxilia na compreensão dos manuscritos de cartórios antigos; e para a Arquivologia, a melhor compreensão do documento auxilia na classificação do mesmo. Para BERWANGER e LEAL (2012, p.

20), a Paleografia ainda pode ser relacionada com as ciências de Papirologia, Epigrafia, Numismática, Sigilografia, Diplomática, entre outras.

Para a realização deste trabalho foram selecionadas seis cartas do Imperador brasileiro Dom Pedro I para sua amante, Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos, enviadas entre os anos de 1823 e 1828. Nelas, os amantes discorrem não só sobre assuntos íntimos, mas também dividem suas opiniões e preocupações acerca da situação política do país. Um conjunto documental que se divide entre momentos de comicidade e tensão em uma época em que os movimentos e revoluções estouravam em um Brasil que engatinhava após sua independência política de Portugal. Segundo GOMES, “o romance de D. Pedro e a Marquesa de Santos rendeu um dos conjuntos de documentos mais pitorescos da história brasileira” (2010, p. 271).

Neste caso, a Paleografia e sua análise foram utilizadas como meio de decifração histórica através das linhas escritas pelo Imperador brasileiro. O objetivo geral deste trabalho é apresentar o estudo da paleografia tanto de forma teórica quanto de forma prática através da leitura, análise e transcrição paleográfica das seis cartas selecionadas. Os objetivos específicos consistem na leitura e transcrição dos documentos, a análise paleográfica (apresentando os aspectos gráficos, materiais e complementares) e a abordagem do contexto histórico em que as cartas foram escritas.

Para o seu desenvolvimento teórico, buscou-se embasamento na literatura para a interpretação contextual histórica e arquivística. Para o desenvolvimento prático, apresentou-se a transcrição dos manuscritos, seguido da análise crítica dos mesmos, deduzindo informações acerca do material utilizado, tipo de suporte, tipo de escrita, abreviações, datação, etc.

O primeiro contato da autora com a existência de cartas pessoais de D. Pedro I para a amante, Domitila de Castro Canto e Melo, a futura Marquesa de Santos, foi através do livro “Titilia e o Demonão”, de Paulo Rezzutti, publicado no ano de 2011 pela editora Edição Editorial. Analisando a versão do autor acerca desta documentação, houve o interesse pelo contexto do romance, da política e valor histórico que cartas pessoais de um imperador para a amante trazem em suas páginas. O único problema era o acesso das até então conhecidas 94 cartas do acervo. Em busca deste acesso, foi realizado contato com Rezzutti.

O autor então encaminhou doze cartas digitalizadas que ele ainda guardava da época de pesquisa para o seu livro. Com este material já era possível começar o projeto do Trabalho de Conclusão do Curso, junto à orientadora professora Ana Regina Berwanger.

Após a análise de todas as cartas, e da leitura do livro de Rezzutti, concluiu-se que seria interessante o acesso ao acervo completo deste fundo, dispondo de mais ferramentas para entender seu contexto e maior quantidade de materiais para a transcrição e análise paleográfica. Com isso, houve a procura do contato do Museu da Sociedade Hispânica da América, que está localizado na cidade de Nova York, Estados Unidos, onde a documentação está sob custódia. Através desta procura, foi constatado que este fundo está aos cuidados do Departamento de Manuscritos e Livros Raros, sob a direção do Dr. John O'Neill.

Um e-mail foi encaminhado diretamente para o Dr. O'Neill dia 30 de maio de 2017, explicando a pesquisa e buscando informações de como obter acesso aos manuscritos que faltavam. O e-mail original em inglês encontra-se no apêndice A.

A resposta chegou no dia seguinte, sem informação alguma no corpo do e-mail, apenas uma Invoice<sup>1</sup> em anexo. A Invoice encaminhada trazia algumas informações extras, como o número correto de documentos do acervo, que são o total de 128 imagens, e também o valor cobrado para o envio, que resultou em 80 dólares.

Em conversa com a professora Ana Regina Berwanger, concluiu-se que não seria possível prosseguir a compra das imagens para a realização do trabalho. Assim, foi realizado novamente contato com Rezzutti que, ao procurar mais profundamente em seus arquivos, encontrou mais 17 digitalizações das cartas originais, totalizando 29 imagens.

Com a insatisfação da resposta do Museu da Sociedade Hispânica da América, foi encaminhado um e-mail para o Museu Imperial, localizado no estado do Rio de Janeiro, na cidade de Petrópolis, o qual possui um acervo de 7.800 peças relacionadas ao regime imperial no Brasil entre os séculos XVIII e XIX. Neste e-mail foi exposto a pesquisa e questionado o conhecimento e possível guarda de algum documento relacionado a este fundo. O e-mail encaminhado para o Museu Imperial e sua resposta encontram-se nos apêndices C e D.

---

<sup>1</sup> Fatura eletrônica.

Com a negativa dos dois museus e a impossibilidade de adquirir o acervo completo, decidiu-se então analisar todas as digitalizações das cartas encaminhadas e a ligação temporal entre elas. Com a ajuda do livro de Rezzutti, a documentação foi separada por ano, entre 1823 e 1828. Assim, trabalhou-se uma carta de cada ano para mostrar, além da análise paleográfica, como a escrita e a forma do texto mudam conforme os acontecimentos românticos e políticos.

A problemática tratada aqui neste trabalho é a relação da escrita das cartas de D. Pedro I, através da transcrição e análise paleográfica, com as emoções transpassadas no papel; e também sua conexão com a própria história do Brasil e do romance vivido com sua amante, Domitila de Castro Canto e Melo.

O objetivo geral deste trabalho é apresentar o estudo da paleografia tanto de forma teórica, quanto de forma prática. Para o desenvolvimento da primeira parte, buscou-se embasamento teórico na literatura para a interpretação contextual histórica e arquivística do documento a ser tratado. Já na segunda parte, realizou-se a análise elementar do manuscrito – apresentando a sua transcrição; a análise crítica e a análise paleográfica do mesmo – deduzindo informações acerca do material utilizado, tipo de suporte, tipo de escrita, abreviações, palavras estranhas, datação, etc.

Os objetivos específicos do trabalho podem ser descritos como:

- a.** Leitura e transcrição dos manuscritos;
- b.** Análise paleográfica;
  - i)** Aspectos gráficos;
  - ii)** Aspectos materiais;
  - iii)** Aspectos complementares.
- c.** Contextualização histórica.

A escolha por este tema se deve ao interesse de unificar em um trabalho a paleografia e a história brasileira, buscando assim apresentar a um maior público a existência de documentação tão significativa para a memória de quem foi um dos personagens históricos mais importantes do Brasil.

A grosso modo, metodologia é o caminho que um pesquisador percorre para a realização de sua pesquisa. Sua etimologia vem do grego μέθοδος “*methodos*”, que significa organização; e λόγος “*logos*”, que significa estudo, pesquisa ou investigação.

Uma pesquisa científica possui uma série de características metodológicas que se diferem quanto à abordagem, à natureza, aos objetivos e aos procedimentos. Posto isto, a metodologia utilizada para a realização deste trabalho se divide nos itens a seguir.

A abordagem aqui utilizada foi de cunho qualitativo, pois o interesse não está em apresentar estatísticas e oferecer uma apresentação numérica conforme as pesquisas quantitativas, e sim apresentar um estudo subjetivo sobre a temática sugerida. Os principais objetivos com este trabalho são de descrever, compreender e explicar a paleografia e os estudos paleográficos com o auxílio dos manuscritos.

Esta pesquisa é de natureza aplicada em razão da apresentação da transcrição de um manuscrito e o estudo de suas letras, grafia e abreviações, colocando em prática os conhecimentos já anteriormente adquiridos.

Em relação aos objetivos, esta pode ser considerada uma pesquisa descritiva, pois trata-se de um estudo de caso e de uma análise documental, que exigem uma série de informações e conhecimentos prévios para a realização deste trabalho.

O procedimento a ser utilizado aqui é de pesquisa bibliográfica, em que é realizado o levantamento de referencial teórico através de livros, artigos, páginas da internet, etc.

Em âmbito mundial, a literatura teórica em paleografia se divide em paleografia clássica/antiga e medieval. Dentro da paleografia antiga, os estudos se destacam principalmente em civilizações sul-europeias e norte-africanas que constituíram o antigo Império Romano e redondezas; são essas as culturas grega, romana, bizantina, ptolomaica, aramaica e egípcia. Fugindo da centralização ocidental, porém ainda dentro da documentação oriunda da idade clássica e antiga, há os estudos paleográficos de civilizações asiáticas, como a hindu e a chinesa. Já os estudos em paleografia medieval se concentram quase que exclusivamente na Europa Ocidental, principalmente em documentações originárias de países como França, Alemanha, Inglaterra, Espanha, Itália e Portugal. As mais importantes obras deste período, e consequentemente as mais estudadas por profissionais da paleografia, são provenientes dos *scriptorium*, um local voltado para a escrita e cópia de livros pelos escribas monásticos.

Já no Brasil, a literatura teórica no campo da paleografia infelizmente não é tão vasta - são poucos os livros ainda editados que tratam do assunto tanto em âmbito nacional quanto em âmbito mundial. Isso pode acontecer pelo fato da documentação paleográfica brasileira ser relativamente nova, já que ela inicia sua datação na Idade Moderna com a colonização do país por Portugal em 1530. Se compararmos com obras medievais escritas

no século XIII, ou se formos ainda mais longe e compararmos com obras da Idade Antiga do século V a.C, é como se a documentação paleográfica brasileira tivesse sido escrita ontem.

Acredito que a escassez de literatura teórica e trabalhos nesta área em um país como o Brasil também se deva a falta de interesse da população por cultura nacional e pela sua própria história. Segundo BERWANGER, “os estudos paleográficos no Brasil renasceram com a criação dos cursos superiores da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade da Bahia (UFBa), Universidade de Brasília (UnB) e Universidade de São Paulo (USP).” (2007, p. 202-203). No Rio Grande do Sul, além da Universidade Federal de Santa Maria, a disciplina é também ministrada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) para os cursos de arquivologia, história e biblioteconomia.

Para a transcrição do material trabalhado, foram utilizadas as Normas Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos (São Paulo, 1993). Para a análise paleográfica, foi utilizado o livro *Noções de Paleografia e Diplomática* (BERWANGER & LEAL, 2012).

A literatura acerca dos acontecimentos políticos, sociais e históricos das primeiras décadas do século XIX no Brasil, é infinitamente maior que a literatura Paleográfica. Para pesquisas a respeito da vida do Imperador, o referencial teórico não se limita a apenas livros de história brasileira, há também uma grande gama de biografias e revistas, nacionais e internacionais, que procuram desvendar através das fontes primárias quem foram as figuras humanas por detrás dos personagens históricos.

Alguns renomados historiadores, letrólogos e escritores desenvolveram grandes títulos apresentando pesquisas biográficas a respeito do primeiro imperador brasileiro, são eles Octávio Tarquínio de Souza<sup>2</sup>, Neill Macaulay<sup>3</sup>, Luiz Lamago<sup>4</sup>, Francisco Alambert<sup>5</sup> e Alberto Rangel<sup>6</sup>. A biografia de sua esposa, a imperatriz Maria Leopoldina da Áustria, escrita pelo historiador Carlos Henrique Oberacker Jr., também serve como referência para a vida de Dom Pedro e seus casos extraconjugais.

---

<sup>2</sup> A Vida de D. Pedro I – 3 volumes (Editora Bibliex, 1972)

<sup>3</sup> Dom Pedro I – a Luta Pela Liberdade no Brasil e em Portugal 1798-1834 (Editora Record, 1993)

<sup>4</sup> Dom Pedro I, Herói Enfermo (Editora Zelio Valverde, 1939)

<sup>5</sup> Dom Pedro I, o Imperador Cordial (Editora Imprensa Oficial, 2006)

<sup>6</sup> Dom Pedro I e a Marquesa de Santos (Editora Brasiliense, 1969)

Para o contexto histórico e embasamento dos acontecimentos comentados nas cartas foram utilizados os livros 1822 (GOMES, 2010), Dom Pedro I (LUSTOSA, 2006) e Titília e o Demonão (REZZUTTI, 2011).

## 2. CONTEXTO HISTÓRICO

Domitila de Castro Canto e Melo nasceu no estado de São Paulo no ano de 1797. Filha de José de Castro Canto e Melo e Escolástica Bonifácia de Oliveira Toledo Ribas, fazia parte de uma tradicional família paulistana. Além de Domitila, José e Escolástica tiveram mais cinco filhos – João, José, Francisco, Maria Benedita e Anna Cândida. Aos quinze anos de idade, casou-se com o alferes Felício Pinto Coelho de Mendonça, com quem teve três filhos – Francisca, Felício e João Pinto Coelho de Mendonça e Castro. Devido a constantes maus-tratos do marido, separou-se em 1824 e retornou, com seus filhos, à casa de seus pais. Como o a maior parte da população brasileira naquela época, a futura Marquesa de Santos era uma mulher de poucos estudos e semianalfabeta, permanecendo assim até sua morte, em 1867 aos 70 anos de idade.

Pedro de Alcântara Francisco António João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon foi o quarto filho de Carlota Joaquina Teresa Cayetana de Bourbon e João Maria José Francisco Xavier de Paula Luís António Domingos Rafael de Bragança – Dom João VI, rei de Portugal, Brasil e Algarves. Nascido na cidade de Queluz, em Portugal, no ano de 1798, Pedro foi o segundo na linha de sucessão ao trono português, porém a morte prematura de seu irmão Francisco António, aos seis anos de idade, tornou-o herdeiro da coroa. Aos nove anos, em 1808, o futuro imperador, juntamente de seus pais, sua avó, a rainha D. Maria I, e seu irmão mais novo, D. Miguel, aportava em terras brasileiras, mais precisamente na Bahia. Um mês depois, a família real portuguesa e sua corte eram transferidas para o estado do Rio de Janeiro.

Domitila tinha 25 anos incompletos quando encontrou o príncipe D. Pedro pela primeira vez, em 1822<sup>7</sup>, mesmo ano em que ele proclamaria a independência brasileira e seria, mais tarde, coroado o primeiro Imperador do Brasil. Segundo Alberto Rangel<sup>8</sup>, Domitila era transportada por escravos em uma cadeirinha, quando D. Pedro “apeou-se, abriu a cortina da cadeirinha e ficou conversando com ela”. Mal sabiam os dois que deste encontro resultaria uma intensa paixão capaz de interferir na política e conseqüentemente no futuro de uma nação. Segundo Laurentino Gomes (2010, p. 264), o romance vivido

---

<sup>7</sup> LUSTOSA, 2006, p. 186.

<sup>8</sup> LUSTOSA, 2006, p. 187.

pelo Imperador brasileiro e a Marquesa de Santos está intimamente ligado ao Grito do Ipiranga e “serve de moldura à Proclamação da Independência do Brasil”.

Os encontros românticos e a conseqüente troca de correspondência entre os dois não tardou a acontecer, e rapidamente D. Pedro apaixonou-se por Domitila, vivendo com ela um de seus mais longos romances, que viria por chegar ao fim no ano de 1829 com a saída da Marquesa do estado do Rio de Janeiro por ordens do próprio Imperador. O protocolo oficial para a correspondência trocada entre os dois era a queima das cartas assim que lidas e respondidas, porém graças à rebeldia de espírito de Domitila, hoje temos acesso à documentação íntima escrita por D. Pedro para sua amante.

Dos treze filhos de Domitila, quatro foram do Imperador. D. Pedro nutria um amor incondicional não só por todos os seus filhos biológicos, mas também pelos filhos do primeiro casamento da amada. Em algumas cartas o Imperador se refere aos filhos de Domitila como “nossos”, e sempre se mostra preocupado acerca da saúde e do bem-estar dos mesmos. Como excelente pai que foi, D. Pedro lutou legalmente pelo reconhecimento oficial de paternidade da sua primeira filha com Domitila, Isabel Maria de Alcântara Brasileira (1824-1898), assim como o seu direito de ser reconhecida como Alteza Real, de usar o prefixo Dona e, em 1826, concedeu à primogênita o título de Duquesa de Goiás.

Rapidamente o relacionamento dos dois começou a ser percebido e comentado pelos membros da corte e pela população brasileira. D. Pedro não fazia mais questão de esconder seu caso extraconjugal. Segundo GOMES

Domitila passou a receber todas as atenções, presentes e honrarias do imperador, enquanto Leopoldina ia sendo ofuscada e humilhada em público. (2010, p. 137)

Com o passar do tempo, D. Pedro I concedia à Marquesa cada vez mais poder de influência dentro da política brasileira, chegando até mesmo a indicar diversos nomes para cargos públicos, como o do intendente-geral da polícia Francisco Alberto Teixeira de Aragão<sup>9</sup>. A nova posição de Domitila também trouxe benefícios à sua família,

Seus irmãos e parentes receberam empregos, títulos e benesses de D. Pedro. O pai morreu em 2 de novembro de 1826 e foi sepultado com honras de Estado no convento de Santo Antônio. (GOMES, 2010, p. 270)

---

<sup>9</sup> GOMES, 2010, p. 270.

Com o falecimento da Imperatriz, Leopoldina Francisca de Habsburgo-Lorena, em dezembro de 1826, mesmo ano do falecimento do rei Dom João VI, D. Pedro e Domitila foram gradualmente se separando. Ao mesmo tempo que a população pobre do Rio de Janeiro sofria a perda daquela que foi grande defensora das classes sociais mais baixas, acusava o caso extraconjugal entre o Imperador e a Marquesa como a principal causa da decadência psicológica e subsequente morte de Dona Maria Leopoldina.

A situação começou a tornar-se insustentável com as tentativas frustradas de D. Pedro em encontrar uma nova esposa na realeza europeia a partir do ano de 1827. O romance vivido com a amante à frente dos olhos da alta sociedade brasileira logo tornou-se notícia nos nobres salões do velho continente, tornando questionável o caráter do imperador brasileiro. Nenhuma jovem pertencente à hierarquia monárquica desposaria um homem com tamanha má reputação, e o fato de Domitila ainda ter corpo presente e influência inquestionável na corte brasileira, dificultava ainda mais as investidas de Dom Pedro na procura de uma nova imperatriz.

No ano seguinte, em 1828, o Imperador brasileiro, em uma tentativa de amenizar os rumores internacionais a respeito de sua vida pessoal, decide por afastar Domitila da corte, enviando-a do Rio de Janeiro para São Paulo. A partir deste acontecimento, com a ajuda do Marquês de Barbacena, encarregado de procurar na Europa uma nova esposa para o Imperador, e depois de inúmeras recusas, Dom Pedro finalmente recebe uma resposta positiva acerca do pedido de casamento. A jovem Amélia Augusta Eugênia Napoleona de Beauharnais (1812-1873) não pertencia à nobreza de primeira linha como a primeira Imperatriz, Maria Leopoldina da Áustria, no entanto sua beleza e graciosidade encantaram tanto o Marquês de Barbacena quanto Dom Pedro. Todavia, a história de amor com Domitila ainda não chegara a um fim definitivo, segundo GOMES, a Marquesa retornou ao estado do Rio de Janeiro em abril de 1829 e

Partiu definitivamente em agosto, mais uma vez grávida do Imperador. D. Pedro jamais chegou a ver a derradeira filha do casal, Maria Isabel, nascida em São Paulo. (GOMES, 2010, p. 277)

Em outubro daquele ano, Amélia de Leuchtenberg chegava ao Rio de Janeiro quase dois anos após dizer “sim” ao pedido de casamento de Dom Pedro. O Imperador e a Marquesa de Santos nunca mais se encontram.

Em 1831, a segunda Imperatriz deu uma filha a Dom Pedro, Maria Amélia do Brasil. Três anos após o nascimento de sua última filha, em setembro de 1834, Dom Pedro morre no mesmo quarto em que nasceu, na cidade de Queluz em Portugal. A Marquesa de Santos casou-se novamente em 1842, com o brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, com quem teve mais cinco filhos. Segundo GOMES, Domitila

Terminou a vida como uma grande dama da sociedade paulista. No seu solar eram realizados saraus literários e reuniões beneficentes. (...) Domitila também se dedicou a obras de caridade. Entre outras, sustentava uma associação de prostitutas e mães solteiras. (2010, p. 278)

Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos, morre em novembro de 1867 no seu palacete em São Paulo em decorrência de uma inflamação no intestino.

### 3. TRANSCRIÇÃO PALEOGRÁFICA

A transcrição paleográfica de um documento manuscrito não é uma tarefa fácil, há uma série de fatores que dificultam sua compreensão. Estes podem ser relacionados às questões intrínsecas ou extrínsecas do documento.

Os obstáculos encontrados nas questões intrínsecas estão relacionados ao idioma – manuscritos antigos podem trazer uma linguagem mais arcaica; à escrita, como a dificuldade de entender a letra do autor; às palavras e abreviaturas de época, que não são mais conhecidas ou utilizadas nos dias atuais; e também aos erros gramaticais. Já os obstáculos encontrados nas questões extrínsecas estão relacionados principalmente com a conservação do manuscrito, que muitas vezes acaba por impossibilitar uma leitura inadequada. Por vezes, o desconhecimento do contexto histórico também implica na total compreensão do documento, trazendo dificuldades para uma transcrição adequada.

Abaixo, segue a transcrição paleográfica das seis cartas selecionadas para a realização deste trabalho. Para tal, foram utilizadas as Normas Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos (São Paulo, 1993) elaboradas por Ana Regina Berwanger, Antônio Houaiss, Heloisa Liberalli Bellotto, Jaime Antunes da Silva, Joao Eurípedes Franklin Leal, Maria Helena Ochi Flexor, Roseli Santaella Stella e Yedda Dias de Lima durante o II Encontro Nacional de Normatização Paleográfica e de Ensino de Paleografia.

#### 3.1. Carta 01

A primeira carta analisada data do ano de 1823. Nela D. Pedro informa estar melhorando de dores nas costelas e nas pernas. Segundo relatório enviado à Assembleia Constituinte, em junho daquele ano D. Pedro I sofreu graves ferimentos ao se acidentar caindo de um cavalo. Segundo REZZUTTI, “na queda, D. Pedro fraturou duas costelas e a clavícula esquerda e contundiu o quadril” (2011, p. 89).

Mas este não foi o primeiro e muito menos o último acidente a cavalo sofrido pelo Imperador. Assim como sua mãe, Carlota Joaquina, D. Pedro nutria exacerbada paixão por cavalaria e hipismo. Segundo GOMES, “O cronista Luiz Lamego diz que (D. Pedro) teria sofrido ao todo 36 quedas a cavalo. Numa delas, em 1829, quebrou sete costelas”. (2010, p. 116).

Esta carta é composta por uma folha frente e verso. Devido à transposição de tinta na folha de papel, foi utilizada como base a transcrição de Paulo Rezzutti (2011, p. 87). A

digitalização da carta original encontra-se no apêndice E e sua transcrição paleográfica encontra-se abaixo:

[fl. 1]

Essa noite passei bem

só acordei quando me volta

ram por causa de algumas

dores que ainda tenho nas

5 Costellas, contudo já

da perna estou considera

velmente melhor.

Tomara

eu que os ladrões dos médi

10 cos deixacem já de Cá

dormir, para vosse me vir

Cá visitar com o Nho

Xico<sup>10</sup> conforme lhe man

dei dizer, o que por ora não

15 pode ser, em consequencia

a do acima esposto

Deme Recados a sua

Maej<sup>11</sup>, e o seu Paej<sup>12</sup>, e o seu

---

<sup>10</sup> Francisco de Castro do Canto e Melo, irmão de Domitila.

<sup>11</sup> Escolástica Bonifácia de Toledo Ribas (1784 – 1859), mãe de Domitila;

<sup>12</sup> João de Castro do Canto e Melo (1740 – 1826), pai de Domitila;

Mano Carrollos<sup>13</sup>, a nhá

[fl. 1v]

- 20 Candida<sup>14</sup> agradeçalhe  
o cuidado que tem em  
mim. Se precizar algu  
ma Couza de este Alei  
jado, mandes dizer
- 25 que elle fará todas as  
deligencias para Dezempa  
char como quem he de  
vosse seu

Fogo Foguinho

### 3.2. Carta 02

A segunda carta analisada data do ano de 1824. Nela D. Pedro comenta pesadelos que teve em relação ao Brasil e o desejo de um bom futuro para o país. É sabido que naquele ano chegava ao fim, depois de três anos do seu início, a Guerra de Independência. Porém foi apenas em 1825 que o Brasil foi oficialmente reconhecido como país independente por Portugal e Inglaterra, através da assinatura do Tratado de Amizade e Aliança firmado com Portugal.

A digitalização da carta original encontra-se no apêndice F e sua transcrição paleográfica encontra-se abaixo:

---

<sup>13</sup> Carlos Maria Oliva (1791 – 1847), Veador da Imperial Câmara e Coronel do Exército, casado com Anna Cândida, irmã de Domitila;

<sup>14</sup> Anna Cândida de Castro do Canto e Melo (1795 – 1847), irmã de Domitila.

Meu bem

Cumprindo com o prometido, e com  
os deveres não só de amante; mas  
até de amigo: lhe dou parte que pas  
5 sei bem; mas sonhei alguns so=  
nhos que me mortificarão todos re=  
lativos à nossa cara Patria a  
qual dezejamos sumas venturas.  
A noite lá hirei o mais se=  
10 do que poder para ter o gosto de  
gozar da sua tão amavael com=  
panhia, e que até se faz perci=  
za para a existencia

Deste seu des=  
15 velado amante

O Demonão

### 3.3. Carta 03

A terceira carta analisada data do ano de 1825. Aqui D. Pedro se mostra raivoso à uma situação que ocorrera na tribuna. Segundo REZZUTTI (2011, p. 134), em 1825 D. Pedro solicitou ao porteiro da Câmara Imperial que levasse Domitila à missa na tribuna das damas do paço, causando uma reação negativa nas damas que ali encontravam-se. Recusando-se a permanecerem no mesmo local que a amante do Imperador, as mulheres retiraram-se da tribuna causando grande constrangimento à Domitila e enfurecendo D. Pedro. Segundo GOMES, para reparar a ofensa, dias mais tarde o Imperador

Elevou-a ao posto de dama de honra da imperatriz Leopoldina. Dessa forma, conferia à amante o direito de

ocupar lugar privilegiado em todas as reuniões, passeios, viagens e outros eventos da corte. (2010, p. 270)

A digitalização da carta original encontra-se no apêndice G e sua transcrição paleográfica encontra-se abaixo:

Meu amor

- Ja esta tarde comessão os dezaver  
gonhados a saber quem eu sou, e  
quem mece, e que eu a estimo.
- 5 Mandei por huma fexadu=  
ra na porta das tribunas  
para se fexar a porta que não  
será aberta venha quem  
vier em quanto mece não vier, e
- 10 assim ficão todos sem lo=  
gar. Alem disso hei de trau=  
tiar<sup>15</sup> os maridos de bonito  
modo, e eu lhe prometo  
que mais nada hão de
- 15 fazer aos amores.  
Deste seu desvelado,  
constante fiel agradecido

---

<sup>15</sup> Trautear: 1. Cantar baixo, para si mesmo, cantarinhar, cantarolar; 2. Causar tédio ou fastio a; aborrecer, apoquentar. O escrito também pode ser uma forma errônea da palavra “tratar”.

e verdadeiro amante

O Imperador.

À margem esquerda, se encontra a seguinte frase:

São 3 horas vou jantar. Mece venha para  
 a tribuna às 6 horas para que eu ponha bem em pratica o  
 plano.

#### 3.4. Carta 04

A quarta carta analisada data do ano de 1826 e é composta por duas páginas frente e verso. Devido à transposição de tinta na folha de papel, foi utilizada como base a transcrição de Paulo Rezzutti (2011, p. 190-191). As frases sublinhadas nas linhas 8, 13 e 18, assim como as palavras “glória” e “satisfação” localizadas na linha 46, foram originalmente sublinhadas no manuscrito por D. Pedro I.

A digitalização da carta original encontra-se no apêndice H e sua transcrição paleográfica encontra-se abaixo:

[fl. 1]

Meu amor

Minha Titilia

Se minha voz movida pela verdade, e inextinguivel a  
que lhe consagro alterando-se hum pouco a scandalizou  
 5 lhe pesso perdão; mas a verdade jamais de mim se  
 separará, e minha boca será o orgão por onde  
 ela há de ser enunciada.  
He o que se espera do amigo. Fatal ditto fos

te para mim que tanto me tenho sentido pelo  
 10 modo e ocazião em que [corroído] ditto, e por  
 tenho caprixado, e caprixo em estimal a como  
 mece sabe  
O que se espera de amigos como eu he o que eu  
 tenho feito que he estimal a como a mesma  
 15 mulher, e dizer-lhe sempre a verdade  
para que seu nome vindo aparecer seja i  
 mediatamente elogiado, isto he o que se espera  
de amigos, e amigos como eu.

[fl. 1v]

[corroído] amor para com mece he inacabavel  
 20 pois meu coração he seu.  
 lisonja assim como não mora com  
 mim não gosto que apareças junto de  
 mim por isso desmascaro aos lizon  
 jeiros que lhe beijão os pez para verem se  
 25 assim eu os olho melhor, e deixo de  
 os conhecer como os conheço de [corroído]  
 seu Imperador.  
 O seu choro, e a sua arrenegação proce=  
 dida de eu dizer a verdade me consomem  
 30 muito por ver o quanto me ascentia [corroído]

o quanto foi o seu sentimento por tal.

Se eu ainda agora visse o que assim

digo eu não reputaria o arranjo consigo;

mas antes sim, o choro agradecimento

35 de eu lhe mostrar a verdadeira luz

[fl. 2]

e o que estava enganada, e a arrenegação

[corroído] vergonha de não haver conhecido

tais lizonjas.

Quando falei de não virem saber de meus

40 filhos cá em cima não foi incomodala de

de preferirem a mece, e a minha querida

Bella<sup>16</sup>; mas a falta de polidez [folha dobrada]

de homem para homem, e a essa

falta de amor, como de [corroído]

45 para seu Monarcha.

A minha Gloria, e Satisfação he que

mece conhece a verdade, e quem lha

falla seguea, e os conselhos de quem a

estima, e estimará sempre reputan-

50 do-se<sup>2</sup>

---

<sup>16</sup> Maria Isabel de Alcântara Brasileira, Duquesa de Goiás (1824 – 1898). Primeira filha de D. Pedro I com Domitila.

Seu verdadeiro fiel agradecido cons-  
tante, e desvelado amante do fundo  
do coração que agora morra se assim não [folha dobrada]

volto

55 Pedro

[fl. 2v]

PS

Assino-me Pedro para que veja que lhe fallo  
unicamente como amigo independente de  
consideração alguma publica puramente  
60 como hum particular que ama a sua  
gloria, e dezeja ver seu nome exaltado

### 3.5. Carta 05

A quinta carta analisada data do ano de 1827. A digitalização da carta original encontra-se no apêndice I e sua transcrição paleográfica encontra-se abaixo:

Filha

Não lembrando que hoje era dia  
de jogo, (pois minha cabeça  
estava perdida) te mandei  
5 dizer que as dez lá estava mas  
não querendo que tu repares  
se chegar as dez, e meia te  
escrevo. Hei de fazer as deli=

gencias para acabar (sem que  
 10 elles desconfiem) o jogo as  
 dez, e logo te irei abraças

Teu filho amigo

e amante etc

Imperador

### 3.6. Carta 06

A sexta carta analisada data do ano de 1828. Aqui podemos notar o carinho com que D. Pedro tratava os filhos do primeiro casamento de Domitila ao chamar Felício de “nosso”. É sabido que o Imperador foi um pai amoroso e presente, tanto para os filhos legítimos quanto para os filhos bastardos. Segundo REZZUTTI,

Felício foi enviado para estudar em Paris no segundo semestre de 1827, tendo como guardião o médico imperial dr. Domingos dos Guimarães Peixoto. Ambos recebiam pensão do governo imperial, que foram todas encerradas no início de 1828. (2011, p. 269)

A digitalização da carta original encontra-se no apêndice J e sua transcrição paleográfica encontra-se abaixo:

Muito Estimarei, Querida Marquesa  
 saber como passou, e se lhe não fez  
 mas a chuva que apanhou durante  
 o seu passeio em que estimo se diver=  
 5 tisse. Eu estou bom o Pedro<sup>17</sup> esta qua=  
 ze sem abalo pulço, e muito es=  
 perto como costuma as mais boas  
 quero ver se agora lhas posso man=

---

<sup>17</sup> Pedro II (1825 – 1891), sétimo filho de Dom Pedro I com a primeira esposa, Dona Maria Leopoldina da Áustria (1797 – 1826).

dar tanto a Duqueza, que já deu  
 10 ou vai dar lição, como a Maria  
 Isabel<sup>18</sup>. Não posso por hora dar  
 huma resposta à sua  
 pergunta relativa ao nosso Fe=  
 lício<sup>19</sup> pois hei de examinar os  
 15 papeis tirar algumas informa=  
 çoes para dar hum conselho sa=  
 lutar.

Aceite os protestos da maior  
 amizade, e consideração com que sou

20 Querida Marqueza  
 Seu amo que muito a estima, e estimará  
 Imperador

5

18 – 28

3

---

<sup>18</sup> Isabel Maria de Alcântara Brasileira, Duquesa de Goiás (1824 – 1898), primeira filha de Dom Pedro I com Domitila de Castro.

<sup>19</sup> Felício Pinto Coelho de Mendonça e Castro (1816 – aprox. 1838), segundo filho de Domitila com o primeiro marido, Felício Pinto Coelho de Mendonça (1789 –1833), de quem se divorciou em 1824.

## **4. ANÁLISE PALEOGRÁFICA**

A análise paleográfica consiste em analisar os aspectos intrínsecos e extrínsecos de um documento manuscrito, como por exemplo a escrita, o suporte, os materiais utilizados para escrever, etc. Segundo BERWANGER e LEAL, “a análise paleográfica tem por objetivo informar as características dos documentos paleográficos, possibilitando uma virtual visualização dos aspectos que lhes são marcantes” (2012, p. 105).

As seis cartas analisadas pertencem ao mesmo autor, o Imperador D. Pedro I, que as escreveu entre os anos de 1823 e 1828, quando viveu um caso extraconjugal com Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos. Através da análise paleográfica realizada, podemos identificar a evolução do romance, juntamente com a preocupação de D. Pedro com o futuro do país. Os detalhes escondidos entre as palavras revelam mais que os simples desejos de um homem apaixonado – mostram a angústia de um líder político dividido entre o amor à pátria e o amor à sua amante.

Abaixo segue a análise paleográfica das seis cartas selecionadas. Para tal realização, foi utilizado o Guia para Análise Paleográfica (BERWANGER e LEAL, 2012, p. 105 – 108), que a divide em três aspectos: gráficos, materiais e complementares. Os aspectos gráficos de uma análise paleográfica trazem a observação da parte intrínseca do texto, ou seja, as características técnicas que o autor possui em sua letra e forma de escrever. Os aspectos materiais trazem a análise da parte extrínseca do texto, ou seja, tudo aquilo que é externo, como por exemplo o suporte, a tinta e os materiais de escrita utilizados. Já os aspectos complementares são exatamente o que o nome já diz: informações completares a respeito do manuscrito que não estão ligados às formas técnicas da escrita ou ao material utilizado, como por exemplo a origem da documentação.

### **4.1. Aspectos Gráficos**

#### **4.1.1. Formato**

O tipo de letra utilizada é humanística cursiva, que consiste na ligação entre as letras pelo fato de não se levantar a mão do papel ao escrever o texto. Esse tipo de escrita pode indicar uma provável pressa de D. Pedro em escrever as cartas nos poucos momentos em que ficava sozinho. A necessidade de não ser flagrado escrevendo para a amante, tanto por seus empregados quanto por sua esposa, e também a necessidade de uma rápida resposta de Domitila a seus convites de encontros acentua a obrigação de uma escrita rápida e ininterrupta. Ainda há nos textos a utilização de várias abreviaturas de palavras,

ajudando a sustentar a hipótese que D. Pedro tinha urgência em escrever as cartas. Abaixo, podemos observar alguns exemplos de abreviaturas utilizadas pelo imperador,



[o que]



[para]



[que]

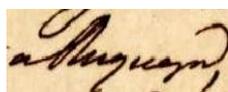


[quanto]



[quem]

Uma característica marcante da escrita cursiva de D. Pedro, que apoia a hipótese de ele ter pressa ao escrever suas cartas, encontra-se na união de palavras. Segue abaixo alguns exemplos.



[aMarqueza]



[Heide]



[ojogo]

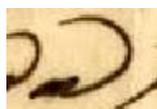
O ângulo da escrita de D. Pedro em relação a pauta é sempre tombado para a direita e o seu módulo varia em cada carta – enquanto as cartas 03 e 05 foram escritas com letras de tamanho médio, as cartas 01, 02, 04 e 06 foram escritas com letras de tamanho menor, dificultando ainda mais sua compreensão no momento da transcrição.

Mesmo D. Pedro tendo o costume de escrever cartas oficiais do império dentro de normas diplomáticas, as cartas pessoais escritas para Domitila não seguem nenhum padrão rígido. Pelo contrário, a forma dos componentes dentro do texto é altamente simples. Mesmo as cartas que tratam de assuntos mais complexos, como por exemplo a quarta carta transcrita, trazem uma relação de escrita usual e comum. A opção do imperador por esse tipo de texto pode ter ocorrido pelo fato da Marquesa de Santos, diferente de dona Maria Leopoldina da Áustria, sua esposa, não ser uma pessoa culta. É sabido que Domitila não tivera a oportunidade de aprender a ler e escrever corretamente, dado a sua classe social, e por este motivo D. Pedro pode ter optado por uma escrita mais simplista.

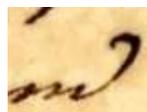
#### 4.1.2. Ductus

O *ductus* da letra cursiva ou, em outras palavras, as características do traçado da letra do autor, são excepcionalmente marcantes. A peculiaridade da escrita de D. Pedro coloca em evidência a autoria de seus textos. Podemos observar essas características nas letras minúsculas “a”, “m” e “u”, que sofrem um alongamento à direita quando encontradas no

final de uma palavra ou enquanto sozinhas; e a forma como a sílaba “do” é escrita, utilizando a cauda do “d” para emendar o “o”. A letra “d”, quando não seguida por “o”, também sofre um alongamento como as letras antes mencionadas.



[letra a]



[letra m]



[letra u]



[“do”]



[letra d]

Outras características também são a utilização do “s” caudado para palavras com “s” duplo e a utilização do sinal “=” (igual) para separação de sílabas, conforme podemos observar nos exemplos que seguem,



[s caudado na palavra “nosso”]

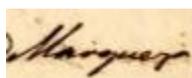


[sinal “=” para separar a palavra “trautear”]

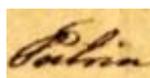
A relação entre letras maiúsculas e minúsculas em geral segue a regra brasileira da língua portuguesa atual, sendo utilizadas as letras maiúsculas no começo das frases, em siglas (ex.: P.S.), nomes próprios, nomes ou expressões de tratamento (ex.: Marquesa) e em nomes que designam altos conceitos políticos (ex.: Pátria).



[P.S.]



[Marquesa]

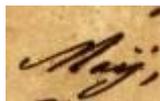


[Pátria]

No entanto, D. Pedro foge à essas regras gramaticais em três momentos: primeiro ao utilizar letras maiúsculas em substantivos comuns para demonstrar importância no que ele quer dizer. Como exemplo temos a quarta carta analisada, em que na linha 46 ele opta por deixar em maiúsculo a primeira letra das palavras “glória” e “satisfação”.



Em segundo, temos os substantivos “mãe” e “pai” que, além de serem escritas com a primeira letra de cada em maiúsculo, demonstrando o respeito de D. Pedro ao se referir aos pais de Domitila, são escritas com a letra “j” (lê-se “i”) no final;



Já em terceiro, temos o exemplo da carta 01 em que D. Pedro utiliza a primeira letra maiúscula em substantivos comuns sem motivo aparente, como nas palavras “costelas”, escrita com dois “l”, e “recados”.



#### 4.1.3. Pontuação e Acentuação

A pontuação utilizada nas cartas é basicamente vírgula, ponto final, ponto e vírgula, dois pontos e parênteses. Sinais de exclamação, interrogação e demais pontuações da língua portuguesa, como reticências e aspas, não aparecem em nenhum dos seis documentos analisados. Segundo Laurentino,

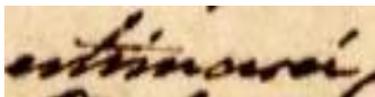
São escassas ou imprecisas as informações sobre sua educação. Cartas e bilhetes hoje preservados nos arquivos revelam domínio precário da língua portuguesa. Há erros de ortografia, concordância e, em especial, falta de pontuação. Os textos são as vezes chulos, mais dignos de um cavaliço do que de um príncipe. Os poemas que perpetrou eram medíocres. (GOMES, 2010, p. 118).

A utilização de vírgulas, quando feita, não segue a norma gramatical, porém, em alguns casos, acaba entrando na norma atual. São exemplos a separação de aposto, como na frase “(...) o que por ora não pode ser, em consequência a do acima exposto” (carta 01, linhas 14-16); e a utilização de vírgulas em listagens, como na frase “Dê-me recados a sua mãe, e o seu pai, e o seu Mano Carrollos (...)” (carta 01, linhas 17-19). Um exemplo da utilização indevida de vírgula pode ser visto na frase a seguir: “deste seu desvelado, constante fiel agradecido e verdadeiro amante” (carta 03, linhas 16-18), em que D. Pedro utiliza vírgula logo após de “desvelado” ao iniciar uma listagem de adjetivos, porém não dá continuidade nas quatro palavras que seguem.

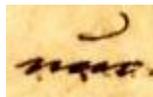
O ponto final é geralmente utilizado por D. Pedro de forma correta, sempre ao final das orações. Já o ponto e vírgula, que na língua portuguesa indica uma pausa maior que a vírgula, porém menor que o ponto final, é utilizado de forma geral erroneamente como pode ser observado no seguinte trecho: “Se eu ainda agora visse o que assim digo eu não reputaria o arranjo consigo; mas antes sim, o choro agradecimento de eu lhe mostrar a verdadeira luz (...)” (carta 04, linhas 32-35). A utilização dos dois pontos é feita apenas

uma vez em apenas uma das cartas, no trecho “Cumprindo com o prometido, e com os deveres não só de amante; mas até de amigo: lhe dou parte que passei bem” (carta 02, linhas 01-05).

A acentuação das palavras é realizada de forma bastante visível e segue o padrão de seu *ductus*, conforme pode ser observado nas imagens abaixo.



[estimará]



[não]

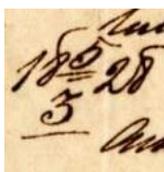


[pulço]

A forma que D. Pedro acentua seus textos não segue regras gramaticais, ele apenas acentua conforme a tonicidade das sílabas na fala. Um exemplo disso é a palavra “mortificarão” (carta 02, linha 06) que, pela escrita encontra-se no futuro, porém no texto percebe-se que D. Pedro está falando no passado, ou seja, “mortificaram”.

#### 4.1.4. Informação Numérica

A informação numérica nas cartas é dada de duas formas: escrita por extenso, como na frase “te mandei dizer que as dez lá estava” (carta 05, linhas 04-05), ou em forma arábica, como na frase “São 3 horas vou jantar” (carta 03, escrito à margem). A única datação presente nas cartas trabalhadas encontra-se na carta de número 06, em formato arábico, como pode ser observado na imagem abaixo.



[Data 05/03/1828]

#### 4.1.5. Assinaturas

As assinaturas de D. Pedro variam conforme a data e o assunto da carta. Ao total dos seis documentos analisados, foram constatadas quatro assinaturas diferentes. A forma que o imperador se identifica em cada documento também revela o nível de intimidade em que o romance se encontrava na época da escritura, como veremos a seguir.

##### 4.1.5.1. Fogo Foguinho

A primeira carta, com datação de 1823, primeiro ano do romance, em que D. Pedro apenas comenta sobre ainda sentir dores resultantes de uma queda e demonstra

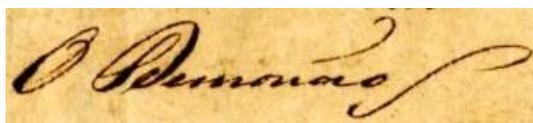
preocupação acerca de Domitila e seus familiares, traz a assinatura de cunho sexual “Fogo Foguinho”.



[Fogo Foguinho]

#### 4.1.5.2. O Demonão

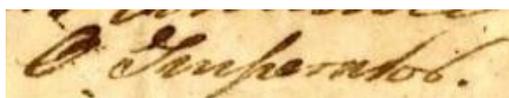
A segunda carta, com datação de 1824, em que D. Pedro comenta pesadelos em relação à política e expressa o desejo de encontrar Domitila, traz a assinatura, também de cunho sexual, “o Demonão”. Imagina-se que os primeiros anos de relacionamento entre os dois tenham sido de maior movimento romântico, dado as formas de tratamento que o imperador demonstra nas cartas, não apenas por utilizar apelidos pessoais como sua assinatura, mas também pela forma como se despedia. Um exemplo claro está no trecho “Deste seu desvelado amante” (carta 02, linhas 14-15). A forma que D. Pedro se refere a Domitila no início da carta também demonstra a forma carinhosa que ele a tratava nestes primeiros anos. Aqui, ele começa o texto com “Meu bem” (carta 02, linha 01).



[O Demonão]

#### 4.1.5.3. O Imperador

A terceira carta, com datação de 1825, em que D. Pedro se mostra irritado em relação a atitudes da nobreza brasileira contra Domitila e comenta sobre um plano de vingança, traz uma assinatura sóbria de sentimentos – “o Imperador”. Porém, ainda não deixa de demonstrar seu carinho na forma como se refere à amante “Meu amor” (carta 03, linha 01) e na forma como se despede, “Deste seu desvelado, constante fiel agradecido e verdadeiro amante” (carta 03, linhas 16-18).



[O Imperador]

#### 4.1.5.4. Pedro

A quarta carta, com datação de 1826, e a mais extensa das seis trabalhadas, em que D. Pedro discorre sobre seu amor e fidelidade à Domitila, provavelmente buscando perdão após uma briga, traz a assinatura de apenas “Pedro”. Talvez por ser uma carta que expõe sentimentos profundos, D. Pedro se despe dos apelidos engraçados e de seu cargo político e se apresenta à amada como apenas Pedro. Nesta carta ainda, D. Pedro se refere à Domitila como “Meu amor, minha Titilia” (carta 04, linhas 01-02).



[Pedro]

#### 4.1.5.5. Demais cartas

A quinta carta, com datação de 1827, volta a trazer a assinatura de “Imperador”. Aqui podemos notar uma certa frieza de D. Pedro com a amante, avisando que iria se atrasar para o encontro marcado dos dois. A forma com que se refere à Domitila – “Filha” (carta 05, linha 01), e como se despede – “Teu filho amigo e amante etc” (carta 05, linhas 12-13) demonstra um possível afastamento romântico. Este afastamento pode ter se dado devido à morte da primeira esposa do imperador, dona Maria Leopoldina da Áustria, falecida em dezembro de 1826, a quem D. Pedro estimava.

A sexta e última carta, com datação de 1828, traz a mesma assinatura como Imperador e também a mesma forma fria de tratar Domitila. Imagina-se que D. Pedro se mostrava cada vez mais distante devido à dificuldade de encontrar uma segunda esposa devido à má fama que o romance extraconjugal lhe trouxera. Este afastamento acabou culminando no final do relacionamento com Domitila naquele mesmo ano.

## 4.2. Aspectos Materiais

A análise dos aspectos materiais dos documentos escolhidos para este trabalho foi realizada com base nas imagens digitais fornecidas via e-mail pelo historiador e escritor Paulo Rezzutti. A documentação original encontra-se no Departamento de Manuscritos e Livros Raros do Museu da Sociedade Hispânica da América, na cidade Nova York – Estados Unidos e possui acesso restrito devido às condições de conservação em que as cartas se encontram.

#### **4.2.1. Suporte**

O suporte utilizado para as cartas é o papel comum, sem linhas ou marcações para a escrita. As dimensões da folha aparentam ser um pouco menores que uma folha de caderno, igualando-se talvez ao tamanho de uma folha A5.

Considerado um material primário e muito popular na Europa desde o século XV, o papel começou a ser fabricado no Brasil apenas no século XIX com a importação da matéria prima<sup>20</sup>. Segundo Berwanger, “o papel tinha a vantagem de poder ser fabricado em todas as espessuras, tamanhos e cores, além de costurar e colar melhor” (2012, p. 82).

#### **4.2.2. Instrumento de Escrita**

Como as cartas foram escritas na primeira metade do século XIX, o instrumento utilizado por D. Pedro para escrever foi uma pena de ave, provavelmente de ganso, muito utilizadas em pergaminhos e papel depois do século VI (BERWANGER, 2012, p. 83).

O pincel também era utilizado naquela época como instrumento de escrita, como podemos observar na fala de D. Leopoldina em carta para sua tia Amélia, relatando sua chegada ao país: “A entrada do porto é sem par, e acho que a primeira impressão que o paradisíaco Brasil faz a todo estrangeiro é impossível de descrever com qualquer pena ou pincel” (LUSTOSA, 2006, p. 83).

A pena de aço e a caneta tinteiro, outros dois instrumentos muito comuns para a escrita de manuscritos, só foram inventados no século seguinte.

#### **4.2.3. Tinta**

A tinta utilizada em todas as cartas é a ferrogálica. Na documentação manuscrita antiga, tinha-se o costume a utilização de cores de tinta diferentes, podendo ter algumas inclusive o ouro como sua matéria prima. Porém as cartas de D. Pedro para Domitila, por não serem documentos oficiais do império, e sim cartas de cunho pessoal, foram escritas com tinta comum da cor preta.

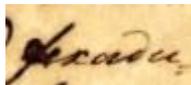
#### **4.2.4. Conservação**

A utilização da tinta preta acarretou em uma série de contratempos em relação a conservação dos documentos. Algumas letras ficaram manchadas a ponto de dificultar

---

<sup>20</sup> Centro de Referência em Educação Mário Covas, **Papel**. Disponível em [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/txt\\_html/mem/obj/obj\\_a/papel.php](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/txt_html/mem/obj/obj_a/papel.php) Acesso em 02/01/2018.

ainda mais a compreensão da palavra escrita, como pode ser observado em “fexadu=” (carta 03, linha 04) e “algumas” (carta 01, linha 03).



[fexadu=]



[algumas]

Também houve a contraposição da tinta no papel nos documentos com escrita frente-e-verso, como podemos observar nas cartas de número 01 e número 04. Mesmo trazendo alguns problemas, a qualidade da tinta utilizada pelo imperador é indiscutível, dado que as seis cartas analisadas apresentaram apenas uma leve oxidação do material, não acarretando em um conseqüente apagamento de palavras no texto.

A conservação do papel infelizmente não seguiu o mesmo caminho da tinta utilizada. As folhas oxidaram com o tempo e acabaram ficando amareladas, o que não dificulta a compreensão do texto, porém acarreta uma maior sensibilidade do material. A conseqüência dessa sensibilidade pode ser observada na carta número 04, que apresenta diversas quebras nas bordas e partes rasgadas, ocasionando a falta de algumas palavras.

### **4.3. Aspectos Complementares**

#### **4.3.1. Origem**

Todas as cartas originam-se da mesma pessoa, D. Pedro I, e foram escritas entre os anos de 1823 e 1828, época em que D. Pedro I foi imperador do Brasil. A relação dos documentos com o autor é autógrafo.

#### **4.3.2. Localização**

Para este trabalho foram utilizadas cópias digitais da documentação original que encontra-se no Museu da Sociedade Hispânica da América, sob os cuidados do departamento de Manuscritos e Livros Raros, localizado na cidade Nova York – Estados Unidos.

O fundo ao que as cartas pertencem chama-se “Letters of Peter I of Brazil. MS HC371/116” e possui um total de 128 documentos originais. Todos os documentos deste fundo são disponibilizados em forma digitalizada em 150 dpi.

### 4.3.3. Época

Das cartas analisadas, apenas uma delas apresenta uma data original. Porém, mesmo que não houvesse nenhum tipo de datação realizada pelo autor, descobrir a época a que elas pertencem é um trabalho fácil.

A primeira forma de realizar esta descoberta é identificar as informações contidas nos textos. D. Pedro comenta com Domitila tanto questões políticas, como por exemplo preocupações acerca da Guerra de Independência, quanto questões pessoais, como o nascimento ou morte de um filho. Com essas informações, e acesso aos livros de história, conseguimos traçar uma linha do tempo de acontecimentos e descobrir o ano de cada documento.

Outra forma de descobrir uma época aproximada em que as cartas foram escritas é identificar a linguagem utilizada nos textos. Há várias palavras características na fala de D. Pedro, como “mecê”, “nho”, “nha”, etc. Além das formas de escrever, como por exemplo “he” ou invés de “é”.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia tratou de apresentar a leitura, transcrição e análise paleográfica de seis cartas escritas pelo imperador brasileiro Dom Pedro I para sua amante Domitila de Castro, a Marquesa de Santos. Através da introdução e contextualização da paleografia em âmbito nacional e internacional, e da exposição do referencial teórico, abriu-se a porta da transdisciplinaridade que, em disciplinas tão plurais como a Paleografia, nunca deveria encontrar-se fechada.

A Arquivologia serviu como visão principal neste trabalho, dado o teor documental que cartas privadas trazem consigo, porém, o auxílio da disciplina de História ajudou a moldar a contextualização das cartas na época em que foram escritas e trazer novamente à vida a ascensão e queda do romance entre dois personagens tão importantes para a montagem política do país.

Através da leitura e transcrição paleográfica das cartas trabalhadas nesta monografia, conseguimos perceber a ligação do romance de D. Pedro I e Domitila de Castro com a própria história e política brasileira. A ascensão do romance, em 1822, junto à proclamação de independência do país; e logo mais, em 1828, a separação definitiva dos amantes devido à necessidade do Imperador de conquistar uma nova Imperatriz entre a nobreza europeia. Também conseguimos notar esta mudança na forma de tratamento dele para com ela com o passar dos anos.

Nas primeiras cartas, datadas de 1823 e 1824, Dom Pedro sempre começa se referindo a Domitila como “meu amor” e “minha Titília”; se despede sempre com paixão, se auto denominando como o “desvelado amante” e, para finalizar, utiliza assinaturas de cunho extremamente pessoais, como “o Demonão”. É claro o sentimento que o Imperador nutre pela Marquesa. Porém, conforme os anos passam, podemos notar a deterioração do romance e sua conseqüente transformação. Nas últimas cartas, datadas de 1827 e 1828, D. Pedro se refere a Domitila como “filha”; se despede declarando a “amizade e estima” que sente pela “Marquesa” e assina apenas como “Imperador”, totalmente sóbrio de sentimentalismo e romantismo.

Através da análise paleográfica realizada nesta monografia conseguimos perceber detalhes e deduzir informações que não se encontram nos manuscritos. A letra cursiva com tombamento, juntamente das abreviações e junções de palavras, pode apontar pressa ao escrever as cartas e bilhetes para a amante. Também a cor da tinta utilizada para

escrever ser sempre preta, juntamente com a linguagem que D. Pedro emprega nas cartas, demonstra claramente se tratar de cartas pessoais e não oficiais do império. Ainda, a forma da escrita, a forma da letra e até a utilização de certas palavras podem revelar a autoria dos textos do Imperador, dado a sua forma de escrever ser tão característica; o suporte, os materiais de escrita e a utilização de gírias e palavras de época podem revelar a data aproximada de um manuscrito sem informações. O conteúdo do texto também pode ajudar na datação, como quando o autor comenta fatos históricos como o nascimento, morte ou casamento.

Como teoriza MARCOS (2017, p. 03), a Paleografia é “fundamentalmente uma arte, com alguns adereços científicos”. Enquanto ciência ela nos auxilia a desvendar a escrita, tornando-se útil não apenas dentro da academia com os manuscritos históricos, mas também no dia-a-dia do profissional de arquivo. Já enquanto arte, ela nos surpreende e maravilha com suas letras, cores, gravuras e histórias. Por fim, a leitura, transcrição e análise paleográfica nada mais é que um instrumento de investigação histórica, transformando as fontes primárias em evidências e os paleógrafos em reais detetives.

## REFERÊNCIAS

REZZUTTI, Paulo. **Titília e o Demonão**: cartas inéditas de D. Pedro I à Marquesa de Santos. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de paleografia e diplomática**. 4. ed. - Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012.

MARCOS, Juan-José. **Fonts for Latin paleography**: user's manual. 5. ed. Plasencia, Espanha: 2017.

Museu Imperial. **Museologia**. Disponível em <<http://www.museuimperial.gov.br/palacio/museologia.html>> Acesso em: 05 jan. 2018.

LUSTOSA, Isabel. **D. Pedro I**: um herói sem nenhum caráter. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Laurentino. **1822**: como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil, um país que tinha tudo para dar errado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

ZEN, Ana Maria Dalla. **Tá, e daí? Algumas reflexões sobre como elaborar um projeto de pesquisa**. Porto Alegre: outubro, 2006.

RICHTER, Eneida Izabel Schirmer; ARAUJO, João Cândido Graça, organizadores. **Paleografia e diplomática no curso de arquivologia UFSM**. Santa Maria: FACOS - UFSM, 2007.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

## APÊNDICE A - E-mail encaminhado ao Dr. O'Neill

29/06/2017

Gmail - Images of D. Pedro I letters to Domitila



Paola Rech &lt;paolarech10@gmail.com&gt;

---

### Images of D. Pedro I letters to Domitila

---

**Paola Rech** <paolarech10@gmail.com>

30. Mai 2017 um 11:44

An: oneill@hispanicsociety.org  
Cc: ana.berwanger@ufrgs.br

Hi, dr. O'Neill!

My name is Paola Rech, and I'm currently a student at Faculty of Library Sciences and Communication -- UFRGS (Rio Grande do Sul's Federal University), Brazil.

My advisor, Ana Regina Berwager, and I are conducting a paleographic research on the letters d. Pedro I, the Brazilian emperor, wrote to his mistress, Domitila de Castro between 1823-1828.

To acquire the letters, we contacted Paulo Rezzutti, who wrote "Titília e o Demonão" (isbn 9788561501624). In this book, the author studies d. Pedro and Domitila's relationship based on about 94 letters found at The Hispanic Society of America Museum. Unfortunately, Paulo has lost most of the files with the original letters images and he could only send me 9 of them. According to him, the contacted person in the Museum was you.

Is there some way that I could get these 94 images? Do the museum provide these images online? Is there some way you can send me these images via e-mail?

I'm very concerned about how we are going to get these originals for our work.

Thank you in advance for your attention.

Paola Martins Rech.

**APÊNDICE B – Invoice encaminhada pelo Dr. O’Neill em nome do Museu da Sociedade Hispânica da América**



**THE HISPANIC SOCIETY OF AMERICA**

613 WEST 155<sup>th</sup> STREET NEW YORK NY 10032  
e-mail: oldbooks@hispanicsociety.org Fax: (212) 690-0743

FEIN # 13-566-1025

Department of Manuscripts and Rare Books Reproductions  
30th May 2017 Invoice:2086

**Sold to: Paola Martins Rech  
Faculty of Library Sciences and Communication – UFRGS  
Rio Grande do Sul  
Brazil**

**Ref: paolarech10@gmail.com**

Reproductions: jpegs : scanned @ 150 dpi	
Letters of Peter I of Brazil. MS HC371/116 (128 images)	75.00
Please return the invoice with your payment. Payment may be made by a check in US dollars, by credit card (see below), or by bank transfer (add \$50.00 to the subtotal). All bank fees incurred are the responsibility of the purchaser. Thank you.	
Subtotal	75.00
Shipping (via Hightail) and handling	5.00
Bank fees (add \$50)	0.00
<b>Total (in US \$)</b>	<b>\$80.00</b>

**REGULATIONS GOVERNING REPRODUCTION PRIVILEGES**

Not suitable for publication purposes. Reproduction or publication in any form whatsoever without written permission from The Hispanic Society of America is prohibited. We cannot guarantee 100% legibility of the reproductions.

**Payment of this invoice constitutes acceptance of the above conditions. Please sign and return: a copy, signed by the curator, will be returned with the requested item.**

If paying by credit card, please complete the following information. Please provide the credit card billing address if different from above.

Visa \_\_\_ Mastercard \_\_\_ AmEx \_\_\_ Card # \_\_\_\_\_

Expiration date \_\_\_\_\_ CCV \_\_\_\_\_ Signature \_\_\_\_\_ Date \_\_\_\_\_

Approved by HSA Curator \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Date

## APÊNDICE C – E-mail encaminhado ao Arquivo Histórico do Museu Imperial

29/06/2017

Gmail - Cartas de D. Pedro I para a Marquesa de Santos



Paola Rech &lt;paolarech10@gmail.com&gt;

---

### Cartas de D. Pedro I para a Marquesa de Santos

---

**Paola Rech** <paolarech10@gmail.com>  
An: mimp.arq.historico@museus.gov.br  
Cc: ana.berwanger@ufrgs.br

1. Juni 2017 um 09:00

Bom dia!

Meu nome é Paola Rech, e eu sou estudante do curso de Arquivologia na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - UFRGS.

Eu e minha orientadora, Ana Regina Berwanger, estamos desenvolvendo uma pesquisa paleográfica com as cartas que D. Pedro I trocou com a Marquesa de Santos, Domitila de Castro, no período entre 1823 - 1828.

Para ter acesso à essa documentação, contatamos o autor do livro "Titília e o Demonão" (isbn 9788561501624), Paulo Rezzutti, que estudou o relacionamento do Imperador com a Marquesa através de 94 cartas encontradas no The Hispanic Society of America Museum, em Nova York. Infelizmente, ele perdeu a maioria dos arquivos com as imagens das cartas originais em seu computador, e apenas conseguiu me encaminhar 9 delas.

Entramos então em contato com o museu em Nova York, porém ainda não recebemos qualquer resposta positiva a respeito da disponibilidade destes documentos ao público.

Gostaria de saber se o Museu Imperial possui alguma dessas imagens, e como podemos ter acesso à elas.

Desde já, agradeço a atenção.

Paola Martins Rech.

## APÊNDICE D – Resposta recebida do Arquivo Histórico do Museu Imperial

29/06/2017

Gmail - Cartas de D. Pedro I para a Marquesa de Santos



Paola Rech &lt;paolarech10@gmail.com&gt;

---

### Cartas de D. Pedro I para a Marquesa de Santos

---

**MUSEU IMPERIAL - ARQUIVO HISTÓRICO** <MIMP.ARQ.HISTORICO@museus.gov.br>

8. Juni 2017 um 08:51

An: Paola Rech &lt;paolarech10@gmail.com&gt;

Prezada Paola,

O Museu não tem cópia do referido acervo.

Cordialmente,

Fátima Argon  
Pesquisadora  
Arquivo Histórico  
Museu Imperial/IBRAM/MinC  
[mimp.arq.historico@museus.gov.br](mailto:mimp.arq.historico@museus.gov.br)  
(24) 2233-0327/2233-0315

---

De: Paola Rech [[paolarech10@gmail.com](mailto:paolarech10@gmail.com)]

Enviado: quinta-feira, 1 de junho de 2017 09:00

Para: MUSEU IMPERIAL - ARQUIVO HISTÓRICO

Cc: [ana.berwanger@ufrgs.br](mailto:ana.berwanger@ufrgs.br)

Assunto: Cartas de D. Pedro I para a Marquesa de Santos

[Zitierter Text ausgeblendet]

Imprima esta página apenas se necessário.

Ibram Sustentável – Preservando nossa memória e nosso futuro.





## APÊNDICE F - CARTA 02

Mudhem

cumprindo com o prometido, e com  
 os deveres meus: se de amante, amizade  
 ate' de amigo: the don parte q' pas  
 sei bem; mas souhei alguns re-  
 uchos q' me mortificaram todos re-  
 lativos a' minha cura Patria a  
 qual desejamos sumas venturas.  
 A' vobis la' hirci e' mais se-  
 ro que poder se' ter o gosto de  
 gozar da sua' sae' amavel com  
 familia; e q' ate' se faz perici-  
 zos' se' a existencia

Parto em des-  
 velado amant  
 O Demouas

APÊNDICE G - CARTA 03

Meu Amado

Ja esta tarde comepose as dezaves  
 gonzadas a saber q' em 200, e  
 quem mece, e q' em a ultimo.  
 Mandei por humo de xadru  
 ra na porta das tribunas q'  
 se re fexas a porta q' na  
 vera aberta venha quem  
 vier em q' mece nao vier, e  
 apim ficas todus remto  
 gur. Mem disse heide tran  
 tias os maridos de bono  
 modo, e em the prometo  
 q' mais nada ha de  
 fazer no amores

Deito em diwellado  
 bastante fiel agraduido  
 e verdadeir. Amante  
 O Imperator.

O que se chama rem fentor: esse meubor  
 e tribuna em 6 horas q' se fentor de um em outro  
 de um.









## APÊNDICE I - CARTA 05

Filho

Não lembrado de hoje com dia  
 de hoje, pois meinten cabeça  
 estava perdida) E mandei  
 dizer de os dez da estação mas  
 não querendo de tu repares  
 se chegar os dez, e meida te  
 escrevo. Ainda fazer os deli-  
 gencias p acabar (rem de  
 elle de confiam) e hoje os  
 dez, e logo te levei a bruma  
 e seu filho Maria  
 e Maria

Inferno

## APÊNDICE J - CARTA 06

Amigo Estimado, Querido Marquez  
 sabes como passo, e se lhe não for  
 mal a clamação e asperção de quanto  
 e seu papéis em estimo e deas,  
 tipo. Eu estou bem a Pedro esta qua-  
 re rem abalo de pulso, e muito es-  
 perto como costumava os meus bens  
 quer nos se agora thas passo man-  
 dar tanto a Marquez, que já deu  
 ou vai dar lido, como a Maria  
 Zabel. Mas passo por hora dar  
 minha resposta cabal a sua  
 pergunta relativa ao negocio de  
 licio pois heide examinar os  
 papéis tirar algumas informaç.  
 eous p' dar hum conselho sa-  
 lutar.

1805 28 Acito o protector do Menor  
 3 Amigo, e considero como seu  
 Querido Marquez  
 seu amigo e estimado, e estimado  
 Professor.